



XXVII Domingo do Tempo Comum (Ano C)

O texto – Lc 17,5-10

⁵ Os Apóstolos disseram ao Senhor: «AUMENTA A NOSSA FÉ».

⁶ Mas o Senhor disse:

«Se tivésseis FÉ como um grão de mostarda,
diríeis a essa amoreira:

‘Arranca-te e planta-te no mar’, e ela vos obedeceria».

⁷ «Qual de vós, tendo um **servo** a lavrar ou a apascentar gado,
lhe dirá, quando ele regressar do campo:

‘Vem cá depressa e põe-te à mesa’?

⁸ Não lhe dirá antes:

‘Prepara-me o jantar e cinge-te para me servires,
para que eu coma e beba;
depois, comerás e beberás tu’?

⁹ Terá, porventura, gratidão para com o **servo**
por *ter feito o que foi ordenado*?

¹⁰ Assim, também vós,
quando *tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado*,
dizei:

‘Somos **servos inúteis**;
fizemos o que devíamos fazer’».

Breve comentário

O texto evangélico deste domingo apresenta-se em duas partes aparentemente sem ligação uma com a outra: a primeira fala de fé e a segunda se serviço.

O pedido «Aumenta a nossa fé» é feito pelos Apóstolos, isto é, pelo pequeno grupo escolhido por Jesus, o que significa que tem como pano de fundo não apenas todas as exigências anteriormente feitas por Jesus mas a missão que lhes irá ser confiada e que, ao tempo da composição do Evangelho, já está em acto. Trata-se, portanto, duma fé que pressupõe a acção, o serviço.

A resposta de Jesus é hiperbólica. Um mínimo de confiança em Deus basta para realizar os maiores prodígios, pois a fé, mesmo quando não é muita, é sempre uma comunhão com Deus, portanto uma participação no seu poder. Aquilo que parece ser humanamente impossível, quer sob o ponto de vista pessoal quer comunitário, poderá ser radicalmente transformado por quem confia não apenas em si mas em Deus.

A parábola que se segue é baseada no esquema social da época e na relação entre senhores e escravos. O senhor não tem qualquer dever para com o escravo e este não tem qualquer direito em relação àquele. Ficamos, de repente, com uma sensação amarga pois adivinhamos que Jesus está a falar de Deus e da sua relação connosco. Onde está o amigo que pode ser incomodado fora de horas (Lc 11,5), o bom pastor (Lc 15,3-7), o pai amoroso que acolhe o filho (Lc 15,11-32), etc.?

O que Jesus pretende é tirar da mente dos seus discípulos a ideia duma religião de méritos que era apregoada pelos fariseus, convencidos que, por fazerem muitas coisas (orações, jejuns, esmolas, sacri-

fícios), tinham direitos diante de Deus, o qual seria «obrigado» a recompensá-los por tudo o que fizeram. É este tipo de relação com Deus que é preciso arrancar...

Jesus aponta para um outro tipo de atitude. O crente deve ser humilde em relação a Deus, numa confiança total. Todo o seu tempo, todas as suas forças e capacidades devem estar empenhados ao seu serviço. Deus não é obrigado a dar-nos qualquer prémio nem a agradecer-nos qualquer serviço. Porém, temos a certeza de que Ele ama-nos muito mais do que possamos imaginar e, por isso, no seu amor gratuito nos dará muito mais do que poderemos imaginar ou, nas nossas contas humanas, poderíamos esperar.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro